

IMIGRAÇÃO VENEZUELANA EM SERGIPE SOB UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL: Gênero e etnia

Eduardo Leite Ferreira (UFS)¹¹⁴
João Heitor Nogueira Castro Lustosa (UFS)¹¹⁵

Resumo: Esta pesquisa investiga as condições vivenciadas pelos migrantes venezuelanos pertencentes à etnia Warao e os que não pertencem a essa etnia e residem em Sergipe. O foco do presente trabalho gira em torno de como as necessidades e dificuldades dos migrantes se manifestam em seus corpos. O corpo é analisado aqui como um espaço onde as experiências de migração se materializam, como o estresse, a vulnerabilidade, às estratégias de adaptação e as expressões sensoriais. A questão central é compreender como o processo migratório desses indivíduos se reflete no corpo. A metodologia incluiu revisão bibliográfica sobre migração, corpo, gênero e etnia, além de estudo de campo. Foram aplicados questionários semiestruturados e entrevistas em profundidade, utilizando técnicas como bola de neve e grupos focais. Os resultados revelam que as experiências migratórias dos migrantes Warao são afetadas por questões de gênero e etnia. Mulheres enfrentam desafios específicos, como dificuldades no acesso a recursos e integração social, evidenciando as desigualdades de gênero. Os migrantes venezuelanos, bem como os indígenas Warao, enfrentam vulnerabilidade agravada por barreiras culturais. A análise teórica suscitada aqui, baseada no conceito de "corpo-migrante", mostra como questões corporais e identitárias moldam as trajetórias migratórias.

Palavras-chave: Migração venezuelana, Corpo, Gênero e Etnia.

Abstract: This research investigates the conditions experienced by Venezuelan migrants belonging to the Warao ethnic group and those who do not belong to this ethnicity but reside in Sergipe. The focus of this study revolves around how the needs and difficulties of migrants manifest in their bodies. The body is analyzed here as a space where migration experiences materialize, such as stress, vulnerability, adaptation strategies, and sensory expressions. The central question is to understand how the migratory process of these individuals is reflected in their bodies. The methodology included a literature review on migration, body, gender, and ethnicity, as well as fieldwork. Semi-structured questionnaires and in-depth interviews were conducted, using techniques such as snowball sampling and focus groups. The results reveal that the migratory experiences of Warao migrants are influenced by issues of gender and ethnicity. Women face specific challenges, such as difficulties in accessing resources and social integration, highlighting gender inequalities. Venezuelan migrants, as well as Warao Indigenous people, face heightened vulnerability due to cultural barriers. The theoretical analysis presented here, based on the concept of the "migrant body," demonstrates how bodily and identity-related issues shape migratory trajectories.

¹¹⁴ Graduando do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa "Processos Identitários e Poder" (GEPPIP/UFS). Email: eduardoleite@academico.ufs.br

¹¹⁵ Discente do curso de Ciências Sociais, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa "Processos Identitários e Poder" (GEPPIP/UFS). Email: j.heitor06@academico.ufs.br

Keywords: Venezuelan Migration, Body, Gender, and Ethnicity.

1 INTRODUÇÃO

Truzzi e Monsma (2018) apontam que os fluxos migratórios realocam geograficamente indivíduos portadores de elementos históricos e culturais, atravessando

diferentes sociedades que, por sua vez, acabam se transformando por meio de um complexo processo de interação social. Os autores reiteram ainda que ao participarem dos fluxos migratórios, os migrantes muitas das vezes causam ansiedade ao serem encarados como ameaças econômicas, políticas e culturais que atuam no processo de invisibilização. Outras vezes, são encarados ainda como necessários ou até mesmo convenientes.

Ao falarmos sobre os fluxos migratórios, é importante que pensemos nos indivíduos que participam desses fluxos e em quais dinâmicas estão inseridos. Podemos dividir esses indivíduos em dois grupos: os migrantes e os refugiados. Brito (2010) aponta que enquanto os migrantes possuem a escolha de deixar o seu país natal e retornar livremente, entre os refugiados a situação não se repete. Refugiados/as são aqueles/as que, forçados/as a deixarem seus países de origem, são impedidos/as de regressar por um tempo indeterminado e/ou consideravelmente longo.

De acordo com os últimos dados publicados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2024), o número de migrantes em escala global gira em torno de 281 milhões de pessoas. Quanto ao número de refugiados, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, até 2023 o número de pessoas que foram forçadas a deixarem suas casas foi de 114 milhões de pessoas, das quais pelo menos 36 milhões estão atualmente como refugiadas. (ACNUR, 2023)

Pensando nestas informações e voltando o nosso olhar para o papel que o Brasil desempenha como receptor frente aos fluxos migratórios internacionais contemporâneos, chama muita atenção a dinâmica presente na migração venezuelana nos últimos dez anos (2013-2023). Segundo o Observatório Brasileiro das Migrações Internacionais (OBMigra), o número de solicitações da condição de refúgio pelos venezuelanos em 2023 foi superior a 30 mil solicitações, superando em muito nacionalidades como Cuba e Angola que vêm logo em seguida (Cavalcanti, Oliveira e Silva, 2023)

Com base em tais informações, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como o processo migratório para Aracaju-Sergipe se refletiu e foi vivenciado no corpo dos venezuelanos, investigando as manifestações físicas resultantes das necessidades, dificuldades e das experiências de migração, como o estresse, a vulnerabilidade e a adaptação. O estudo

busca compreender como as particularidades culturais, étnicas e de gênero influenciam as experiências corporais dos migrantes indígenas pertencentes à etnia Warao e as experiências dos que não pertencem a essa etnia (chamados aqui de Não Warao) e afetam sua integração no novo ambiente, considerando as interseções entre corpo, cultura e gênero.

Foram traçados 2 objetivos específicos: 1) Conhecer as trajetórias migratórias dos venezuelanos que migraram para Sergipe e 2) Analisar como essas trajetórias se corporificam nos migrantes considerando os marcadores de gênero e etnia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, contamos com uma metodologia dividida em quatro etapas. Primeiramente foi realizado um levantamento em bases de periódicos nacionais e internacionais, bem como em plataformas científicas como o Google Acadêmico, Scielo e *Research Gate*. Durante a realização dessa fase, deu-se prioridade ao descritor "imigração", enfatizando o gênero e a etnia como variáveis intrínsecas. Em seguida, foram aplicados filtros adicionais utilizando descritores como "corpo", "Brasil", "Nordeste" e "refúgio".

A segunda etapa consistiu na realização de um estudo de campo, que permitiu uma aproximação e reconhecimento do objeto de estudo. Essa fase foi essencial para a coleta de dados sobre a atual situação dos imigrantes e refugiados venezuelanos em Sergipe. Na terceira etapa foi realizada aplicação de questionários semiestruturados, através de uma análise não probabilística por meio da técnica bola de neve (Vinuto, 2014), buscando mapear as trajetórias e as expressões da incorporação das experiências migratórias entre os venezuelanos que residem em Sergipe. O questionário envolveu questões voltadas aos dados socioculturais, trajetória migratória, instalação na cidade onde vivem atualmente, *status* legal e autopercepção no Brasil. Parte dos questionários foi aplicada na sede da Cáritas, localizada na Praça Olímpio Campos, no centro da capital sergipana. A outra parte foi aplicada no bairro Cidade Nova, localizado na zona norte de Aracaju, onde residem parte dos venezuelanos que participaram da pesquisa.

Por fim, foi realizada a coleta de dados qualitativos por meio de fontes orais, onde as entrevistas com os interlocutores da pesquisa desempenharam um papel central. As entrevistas ocorreram em um formato circular, com cadeiras dispostas em círculo para que os participantes se acomodassem de forma confortável e acessível. As perguntas foram feitas seguindo um roteiro previamente estabelecido, no entanto, as respostas não seguiam uma ordem fixa. Os participantes respondiam conforme se sentiam à vontade, permitindo que aqueles mais confortáveis se expressassem primeiro, criando um ambiente de diálogo espontâneo e participativo. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos interlocutores que, ao concordarem em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo um roteiro elaborado a partir dos objetivos e da problemática da pesquisa. A seleção

dos entrevistados foi orientada pelos objetivos específicos da pesquisa e pela perspectiva teórico-metodológica adotada. Contou-se com a participação de um total de oito pessoas venezuelanas, sendo sete pessoas do sexo feminino e uma do sexo masculino. A condução das entrevistas se deu através da formação de um grupo focal (Trad, 2009), onde os entrevistados foram incentivados a abordar aspectos relevantes de suas experiências de vida relacionadas ao tema de estudo, permitindo uma exploração rica e detalhada dos pontos de interesse da pesquisa.

2 INTERSECCIONALIDADE: DEBATE SOBRE GÊNERO E ETNIA

Patricia Hill Collins, proeminente professora de sociologia da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, aponta que o conceito de "Interseccionalidade" se apresenta contemporaneamente como um dos mais utilizados enquanto ferramenta analítica, sendo adotado amplamente por acadêmicos (as), militantes de políticas públicas, profissionais e ativistas em diversos locais. Collins (2021) aponta que de maneira ampla, a Interseccionalidade pode ser compreendida através de diversas perspectivas, todavia, geralmente o uso desse conceito como ferramenta analítica está relacionada à capacidade que possui de examinar como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências cotidianas, considerando os marcadores de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, etnia, faixa etária – entre outras – e como essas categorias se interrelacionam e são moldadas mutuamente (Collins, 2021).

A partir do nosso entendimento, o gênero deve ser compreendido como uma construção social que não se limita a uma simples diferença biológica entre os sexos, mas como uma categoria diretamente ligada às estruturas sociais e culturais que moldam as interações humanas.

O conceito de gênero como construção social está intrinsecamente ligado ao corpo, e entender essa relação é fundamental para desconstruir as percepções tradicionais sobre as distinções entre o biológico e o social. Como afirma Nicholson (2000), a noção binária de sexo e gênero simplifica uma realidade complexa ao sugerir que o sexo seria o natural e o gênero, o cultural.

No entanto, autoras como Scott (1995) e Bento (2017) indicam que essa separação desconsidera o quanto o corpo, tal como o gênero, é também construído e interpretado socialmente. A ideia de que o gênero influencia o corpo e vice-versa revela a interdependência

entre o biológico e o cultural, sugerindo que o corpo não é apenas um dado físico, mas um produto da interação social.

Nesse sentido, o corpo deve ser entendido como um "instrumento social", moldado e influenciado pelas normas e expectativas de gênero presentes na sociedade, assim como ele também molda essas mesmas normas. Scott (1995) aborda o gênero como uma forma de significar as relações de poder, e o corpo ocupa um papel central nesse processo, pois é a partir das diferenças percebidas entre os corpos masculino e feminino que se constroem práticas discursivas e sociais de dominação e subordinação.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que o corpo participa ativamente na construção do gênero, assim como o gênero influencia como o corpo é vivenciado e interpretado. O corpo e o gênero funcionam como estruturas estruturantes, em uma relação dialética onde ambos se influenciam mutuamente. O corpo, embora biologicamente determinado em certa medida, é permeado por significados culturais e sociais que, por sua vez, estão em constante transformação. As experiências de gênero, portanto, não podem ser dissociadas do corpo, pois falar de gênero é também falar de corpo. Isso nos leva a refletir sobre as implicações sociais e culturais que envolvem essa interação, questionando tanto as noções de naturalidade quanto as de construção social no que diz respeito às identidades de gênero.

Quando pensamos no processo migratório, o gênero e o corpo se tornam ainda mais centrais para entender como essas pessoas vivem suas trajetórias de deslocamento. A migração não é um processo neutro; ela afeta homens e mulheres de maneiras distintas, já que ambos os gêneros carregam diferentes expectativas e imposições sociais. As mulheres migrantes, por exemplo, muitas vezes enfrentam desafios adicionais relacionados à vulnerabilidade física, ao cuidado de filhos, à violência de gênero e à inserção no mercado de trabalho, que muitas vezes lhes reserva funções precarizadas. Já os homens, em certas culturas, são vistos como os responsáveis pelo sustento da família, o que pode colocar uma pressão adicional sobre eles no novo contexto migratório. Portanto, o corpo e o gênero, como categorias sociais, influenciam diretamente as experiências e oportunidades durante o processo migratório.

Além disso, o corpo do migrante carrega as marcas do deslocamento, tanto físicas quanto simbólicas. A adaptação a novos ambientes, a exposição a novas condições de trabalho e a necessidade de se adequar a novas normas culturais refletem-se no corpo. Em muitos casos, o corpo do migrante é reconfigurado pela migração, seja pela precarização das condições de vida, seja pela exigência de adequação a padrões estéticos e comportamentais impostos pela nova sociedade. Gênero e corpo, nesse sentido, se entrelaçam no processo migratório, mostrando como a adaptação a um novo país envolve não só questões econômicas ou políticas,

mas também a reconfiguração das identidades corporais e de gênero. Quanto ao conceito de “etnia”, conforme apontado por Poutignat e Streiff-Fenart (1997, p.40), a abordagem teórica dos termos “etnia” ou “étnico” abrangem sentidos diversos entre os teóricos modernos e encontram-se atrelados de formas distintas às noções de raça e nação: “Desde sua criação no início do século XIX, a noção de etnia se encontra mesclada a outras noções conexas, as de povo, ou de nação, com as quais mantém relações ambíguas cujo rastro encontramos nos debates contemporâneos”. (1997, p.33)

Analisando sistematicamente o andamento do conceito de “etnicidade” no século XX, os autores, baseando-se na visão de Barth¹¹⁶, apontam a etnicidade como uma forma de organização social, validada na interação social através da ativação dos signos culturais que são socialmente diferenciadores (1997, p. 141).

Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores identificam-se e são identificados pelos outros na base de dicotomização Nós/Eles, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma origem comum e realçados nas interações raciais. (Poutignat e Streiff-Fenart, 1997, 9.141).

No artigo intitulado “Grupos Étnicos e suas Fronteiras” (1997), Barth fornece uma análise contundente para a compreensão da etnia e dos grupos étnicos. Em primeiro momento aponta que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação formuladas pelos próprios atores, possuindo assim características organizacionais particulares (1997, p.189).

Barth postula ainda que os grupos étnicos são tipos de organização social forjados na auto-atribuição ou na atribuição por outros indivíduos a uma categoria étnica em termos de suas identidades baseadas presumivelmente em sua origem e por seu meio ambiente: “Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional (Barth, 1997, p.194).

Stuart Hall em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade (2022) aponta a etnia como a forma utilizada para nos referirmos às características culturais que são partilhadas por um povo; língua, religião, costume, tradições e sentimentos de pertença a um lugar estão dentro dessa categoria. Ao nos referirmos à etnia, estamos considerando o caráter distintivo e atributivo que essa categoria possui, sendo partilhadas por grupos de pessoas, como é o caso dos Warao, que constituem um grupo com língua homônima e características semelhantes,

¹¹⁶ (1928–2016) foi um antropólogo norueguês conhecido por suas contribuições para o campo da antropologia social e cultural.

como culinária e danças. Contudo, associado a outros marcadores como a raça e o gênero, a etnia se torna um marcador da diferença perpassado pelas relações de poder e que consequentemente passam pelo corpo.

Handerson e Joseph (2015) através de uma etnografia realizada com mulheres haitianas que migraram para a França e para o Brasil traçam um panorama de como essas mulheres, marcadas pela raça, pelo gênero e pela etnia - que formam o caráter interseccional aqui suscitado - passam por transigurações na vida relacionadas principalmente ao *status* social que possuíam no Haiti e como esse *status* se altera drasticamente. Enquanto no Haiti essas mulheres exerciam cargos de nível superior avançado (medicina, jornalismo, enfermagem, entre outros) e possuíam casas grandes e empregadas domésticas contratadas, no Brasil e na França elas quem se tornaram as empregadas domésticas, um trabalho considerado de baixa estima pelas haitianas que consideram um trabalho sujo¹¹⁷. É importante ressaltar que na ampla maioria dos casos se tratam de mulheres negras.

Analisando a situação das haitianas que aparecem no estudo de Handerson e Joseph (2015), chama muita atenção, traçando um paralelo, o que a pesquisadora Grada Kilomba (2021) chama de *racismo genderizado*, sendo a relação intrínseca estabelecida entre os marcadores étnico-raciais e de gênero. São mulheres negras e migrantes, o que as coloca frente a um espaço de dominação e hierarquização social. Para além do marcador racial, o aspecto étnico também deve ser apontado: como membras de uma outra comunidade nacional que não é nem a francesa nem a brasileira, as haitianas tem como primeira língua o creole e enfrentam dificuldade de comunicação no Brasil por não dominarem o português, enquanto as que migram para a França assim o fazem por dominarem o francês como segunda língua. No Brasil, muitas utilizam do espanhol devido ao período em que residiam em outros países latino-americanos como Equador e República Dominicana e devido a proximidade linguística com o português.

Deste modo, utilizamos do termo “Interseccionalidade” defendido por Collins (2021) para analisar como as experiências migratórias de venezuelanos (as) para Sergipe são moldadas por tais marcadores, bem como esses marcadores se manifestam através do corpo dos migrantes.

Nesta pesquisa, utilizaremos dados quantitativos fornecidos através de questionários que foram aplicados a seis pessoas do gênero masculino e a cinco do gênero feminino. Também utilizaremos dados obtidos através da realização de uma pesquisa de profundidade por meio de

¹¹⁷ Ou, como elas chamam, “*sale boulot*”.

grupo focal (Trad, 2019) que contou com a participação de sete pessoas do gênero feminino pertencentes à etnia indígena Warao e uma pessoa do gênero masculino não Warao.

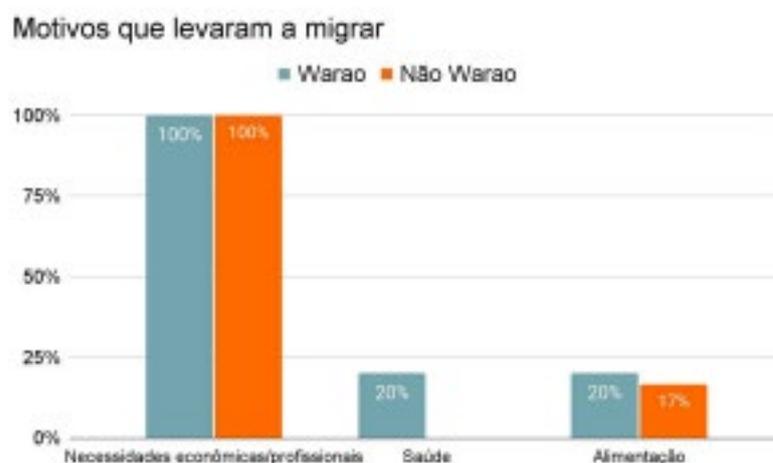
3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A migração venezuelana para o Brasil, tem gerado fluxos migratórios diversificados em termos de origem étnica, motivos para migração e trajetórias percorridas. Dentre os grupos migrantes, os indígenas Warao, historicamente marginalizados, apresentam dinâmicas migratórias distintas em comparação aos demais venezuelanos, refletindo sua vulnerabilidade e busca por sobrevivência em meio à instabilidade (Utrera, 2020).

Neste trabalho buscamos analisar três aspectos centrais dessa migração: os motivos que levaram os venezuelanos a deixarem seu país, os estados pelos quais passaram antes de chegarem a Sergipe, e a distribuição de gênero entre os migrantes.

A partir desses dados, é possível compreender como fatores econômicos, geográficos e culturais influenciam as experiências migratórias dos Warao em comparação aos demais venezuelanos, revelando as particularidades de suas trajetórias.

GRÁFICO 1: SOBRE OS MOTIVOS QUE LEVARAM A MIGRAR



Fonte: Os autores (2024).

O primeiro gráfico revela que tanto os imigrantes Warao quanto os não Warao migraram principalmente por necessidades econômicas e profissionais, uma realidade compartilhada por 100% de ambos os grupos. Isso destaca a predominância da crise socioeconômica da Venezuela como fator determinante na decisão migratória, afetando indistintamente grupos étnicos e não étnicos. No entanto, é notável que os Warao apresentam razões adicionais, como saúde e

alimentação (20% cada), que complementam os fatores econômicos. Essa diferença pode ser atribuída à maior vulnerabilidade dos Warao, que, por serem tradicionalmente marginalizados, enfrentam condições de vida ainda mais precárias, intensificando a necessidade de migração para a sobrevivência.

**GRÁFICO
ESTADOS
ONDE OS**

Estados por onde os venezuelanos passaram antes de chegarem a Sergipe

**2:
POR**

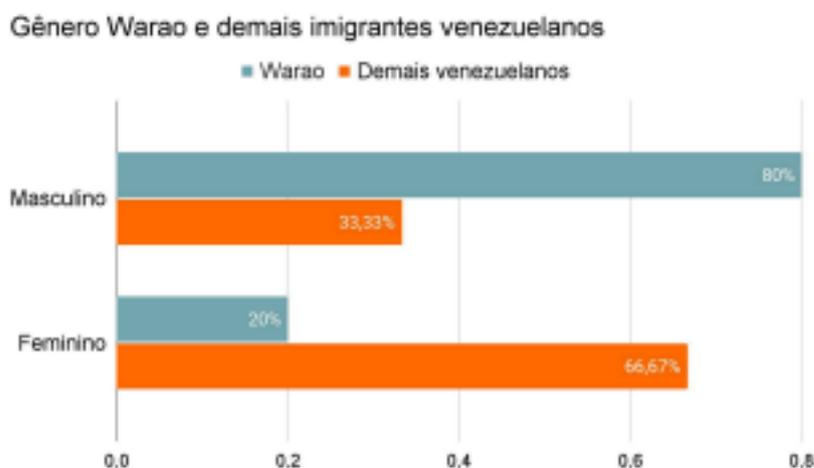


ENTREVISTADOS PASSARAM ANTES DE CHEGAREM A SERGIPE

Fonte: Os autores (2024).

No segundo gráfico, observa-se que 100% dos migrantes Warao e não Warao passaram por Roraima, estado que historicamente é a principal porta de entrada de venezuelanos no Brasil. O fato de todos os Warao também terem passado pelo Amazonas (em contraste com apenas 33% dos não Warao) sugere uma maior mobilidade por parte desse grupo étnico, possivelmente por sua busca por áreas com melhores condições ambientais e recursos que se assemelhem ao seu local de origem. A presença de Warao em outros estados, como São Paulo e Pernambuco, também destaca sua resiliência e a tentativa de explorar diferentes regiões em busca de melhores oportunidades, contrastando com os não Warao, que se concentraram em rotas mais diretas para Sergipe.

GRÁFICO 3: GÊNERO DOS ENTREVISTADOS WARAO E NÃO WARAO



Fonte: Os autores (2024).

Os dados do gráfico 3, referentes ao gênero dos imigrantes Warao e não Warao, foram coletados a partir da identificação do chefe de família como respondente. No entanto, a pesquisa qualitativa revelou uma maior presença feminina nas entrevistas, o que indica que, embora o chefe de família seja predominantemente do gênero masculino entre os Warao, as mulheres desempenham um papel importante no processo migratório, participando ativamente na adaptação e nas dinâmicas familiares, mesmo que isso não seja totalmente refletido nos números quantitativos. Essa discrepância entre os dados quantitativos e qualitativos sugere uma maior influência feminina na vivência e organização dos migrantes, especialmente no que tange ao cotidiano da imigração e da sobrevivência em solo brasileiro.

O terceiro gráfico revela um claro contraste de gênero entre os dois grupos quando pensado em chefe de família. Entre os Warao, 80% dos migrantes são homens, enquanto apenas 20% são mulheres. Nos não Warao, a relação é praticamente inversa, com 66,67% de mulheres e 33,33% de homens. Essa disparidade na definição de chefe de família pode estar relacionada a diferentes fatores socioculturais. Entre os Warao, o papel masculino como chefe de família pode estar enraizado em tradições culturais que atribuem ao homem a responsabilidade de garantir o sustento e a segurança do grupo, sobretudo em contextos de migração forçada, em que os homens podem ser vistos como os responsáveis por liderar a travessia e negociar as condições de sobrevivência no novo país. Além disso, a migração Warao, muitas vezes, ocorre gradualmente, com os homens partindo antes das mulheres e crianças para explorar

oportunidades em outras regiões, reforçando a percepção do homem como a figura central na estrutura familiar.

Outra hipótese é que, no contexto da vulnerabilidade econômica e social que esses migrantes enfrentam, o homem pode ser visto como o interlocutor preferencial nas interações com as autoridades ou com a rede de apoio humanitário, perpetuando a ideia de que ele deve ser identificado como chefe de família. No entanto, como revelado pela pesquisa qualitativa, as mulheres Warao desempenham um papel essencial na organização e gestão da vida familiar, especialmente em questões de cuidado, alimentação e adaptação ao novo ambiente. Isso sugere que, enquanto os homens podem formalmente ocupar o papel de chefe de família, as mulheres exercem uma liderança prática e cotidiana crucial para a sobrevivência e adaptação da família migrante.

Nos não Warao, onde a migração feminina é mais expressiva, a inversão da relação pode refletir um movimento em que as mulheres assumem cada vez mais responsabilidades, incluindo o papel de provedoras e líderes familiares, principalmente em contextos de crise. O papel das mulheres como chefes de família entre os não Warao pode, então, estar relacionado ao aumento da autonomia feminina, tanto em termos econômicos quanto sociais, no cenário de migração forçada.

TABELA 1: SE OS MIGRANTES SOFRERAM ALGUMA VIOLÊNCIA DURANTE A TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA

<i>Sofreu Violência?</i>				
	<i>Gênero</i>	<i>Não Warao</i>	<i>Warao</i>	<i>Total geral</i>
Não	Homem	2	2	4
	Mulher	3		3
Não Total		5	2	7
Sim	Homem		2	2
	Mulher	1	1	2
Sim Total		1	3	4
Total geral		6	5	11

Fonte: Os autores (2024)

A análise da tabela sobre experiências de violência entre imigrantes Warao e não Warao, segmentada por gênero, revela algumas dinâmicas interessantes sobre a vulnerabilidade desses grupos no contexto migratório.

Entre os não Warao, observa-se que 5 pessoas não relataram terem sofrido violência (2 homens e 3 mulheres), enquanto apenas 1 mulher declarou ter passado por situações de violência. Já no grupo Warao, dos 5 respondentes, 2 homens afirmaram não terem sofrido violência, enquanto 3 relataram terem sido vítimas (2 homens e 1 mulher). No total geral, entre os 11 imigrantes pesquisados, 7 afirmaram não terem sofrido violência e 4 declararam terem sido vítimas de algum tipo de agressão.

Algumas hipóteses podem ser levantadas a partir desses dados: a) Desigualdade de gênero e violência: Embora o número absoluto seja pequeno, há uma maior proporção de homens Warao que relataram sofrer violência, o que pode indicar uma exposição maior desse grupo a ambientes ou situações perigosas. No entanto, também vale destacar que a única mulher que relatou ter sofrido violência pertence ao grupo Warao, o que pode sinalizar que as mulheres indígenas enfrentam uma dupla vulnerabilidade – não apenas pela sua condição de gênero, mas também por pertencerem a uma etnia minoritária. b) Diferenciação entre Warao e não Warao: Os imigrantes Warao, em comparação com os não Warao, parecem estar mais expostos a situações de violência. Isso pode ser explicado por diversos fatores, como sua maior marginalização social, dificuldade de acesso a serviços de proteção ou mesmo diferenças no tipo de trabalho, ou moradia que os Warao ocupam, os quais podem colocá-los em situações mais arriscadas.

É importante destacar que o tipo de violência relatada por aqueles que responderam “sim” engloba tanto violências físicas quanto simbólicas. As situações descritas incluíram casos de violência policial, xingamentos por parte dos brasileiros e olhares de julgamento, os quais podem ser considerados expressões de violência simbólica. Essas formas de violência revelam o impacto do preconceito e da discriminação que os imigrantes enfrentam, exacerbando as dificuldades já presentes no processo migratório.

GRÁFICO 4: SOBRE AS PRINCIPAIS DIFICULDADES VIVENCIADAS PELOS MIGRANTES

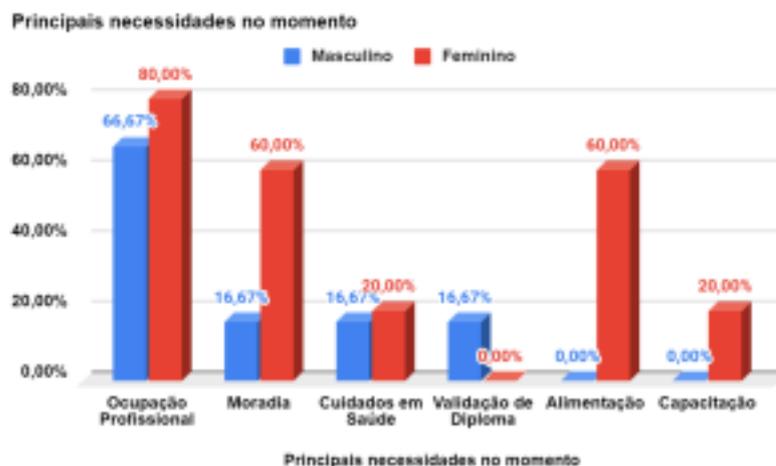


Fonte: Os autores (2024).

No que se refere às principais necessidades, os dados mostram diferenças significativas entre os grupos Warao e não Warao, assim como entre homens e mulheres, revelando como as experiências de gênero e etnia influenciam a vulnerabilidade e as demandas de cada grupo. Entre os Warao, 40% dos respondentes indicaram que a ocupação profissional e a moradia são as principais necessidades, seguidas por demandas alimentares (20%). Para os não Warao, a ocupação profissional emerge como a principal prioridade, com 100% dos respondentes identificando-a como sua maior necessidade, enquanto 50% mencionaram necessidades alimentícias, 33% indicaram moradia e 17% citaram validação de diploma, capacitação e cuidados de saúde.

Ao incorporar a interseccionalidade de gênero e etnia, nota-se que, apesar de a ocupação profissional ser uma necessidade comum a todos, a etnia Warao se destaca por priorizar também moradia e cuidados de saúde.

GRÁFICO 5: PRINCIPAIS NECESSIDADES NO MOMENTO POR GÊNERO



Fonte: Os autores (2024).

Quando segmentados por gênero, observamos que 80% das mulheres indicaram a ocupação profissional como principal necessidade, superando os 66,67% dos homens. Além disso, 60% das mulheres destacaram a moradia como uma prioridade, em comparação com apenas 16,67% dos homens. Esses dados revelam uma pressão adicional sobre as mulheres, que enfrentam o desafio de garantir não só sua independência financeira, mas também a segurança habitacional para suas famílias. As mulheres também reportaram maiores necessidades em cuidados de saúde, alimentação e validação de diploma, sugerindo que elas vivenciam camadas adicionais de vulnerabilidade, especialmente ao considerarem os papéis tradicionais de cuidado e as barreiras de acesso a serviços essenciais.

4 DESAFIOS CORPORAIS E CULTURAIS: A ADAPTAÇÃO DOS MIGRANTES VENEZUELANOS EM SERGIPE

Agora, daremos ênfase aos dados relacionados às maiores dificuldades que os migrantes venezuelanos enfrentaram ao se adaptar ao novo país, ao ser nesse contexto que a dimensão do corpo se torna mais evidente. A adaptação ao ambiente brasileiro envolve não apenas ajustes culturais e econômicos, mas também transformações corporais profundamente influenciadas por fatores como língua, saúde, solidão, vestuário e alimentação. Esses aspectos refletem o

impacto direto do processo migratório sobre o corpo, que precisa se ajustar a novas realidades, desde a comunicação até como se veste e se alimenta.

A barreira linguística, por exemplo, se manifesta como uma dificuldade tanto cognitiva quanto física, afetando como os migrantes usam o corpo para se expressar, sendo muitas vezes forçados a recorrer a gestos e mímicas para suprir a falta de fluência no português. Questões de saúde também emergem como uma área crítica, com o corpo dos migrantes sendo exposto a condições diferentes de higiene, clima e acesso a cuidados médicos, impactando diretamente sua capacidade de adaptação e bem-estar.

Além disso, o sentimento de solidão afeta profundamente a saúde mental dos migrantes, refletindo no corpo por meio de sintomas de estresse e ansiedade, enquanto o vestuário e a alimentação marcam outro ponto de tensão. Os imigrantes enfrentam dificuldades em encontrar roupas adequadas ao clima e à cultura local, bem como em adaptar sua dieta, revelando um esforço constante de conciliar suas tradições alimentares com os ingredientes e sabores brasileiros. Essas questões, portanto, serão exploradas com maior profundidade, demonstrando como o corpo dos migrantes se torna um campo de adaptação e resistência no processo migratório.

GRÁFICO 6: PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS QUANTO AOS HÁBITOS E COSTUMES NA CIDADE



Fonte: Os autores (2024).

Quando questionados sobre as principais dificuldades de adaptação em Sergipe, observam-se padrões distintos entre os imigrantes Warao e não Warao. Entre os Warao, a dificuldade linguística lidera, com 100%, refletindo o impacto da barreira idiomática em um

grupo cuja língua materna não é o espanhol ou o português. Além disso, 40% relataram dificuldades com a culinária local, enquanto 20% mencionaram problemas relacionados ao trabalho. Já entre os não Warao, questões como dificuldades nas relações interpessoais e a solidão emergem com 33,33%, seguidas pela saudade dos familiares e problemas com vestimentas, ambos com 16,67%. Essas distinções sugerem que as experiências de adaptação variam conforme as particularidades culturais e étnicas de cada grupo, sendo os Warao mais impactados pela barreira linguística e os não Warao, por fatores emocionais e culturais.

GRÁFICO 7: PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS QUANTO AOS HÁBITOS E COSTUMES NA CIDADE ONDE RESIDEM POR GÊNERO



Fonte: Os autores (2024).

A análise por gênero também revela nuances importantes. Entre os homens venezuelanos, 33,30% relataram dificuldades linguísticas e com o trabalho, sugerindo que esses desafios afetam diretamente sua integração no mercado e comunicação diária. As mulheres, por outro lado, enfrentam uma gama mais diversificada de obstáculos. Além das dificuldades linguísticas e laborais (18,20%), as mulheres relataram desafios adicionais, como problemas nas relações interpessoais e com o vestuário (12,50%). Isso indica que, além das barreiras estruturais, as mulheres venezuelanas lidam com dificuldades culturais e sociais que podem afetar sua adaptação de maneira mais abrangente. Dessa forma, é fundamental reconhecer a interseção de gênero e etnia na adaptação dos migrantes, considerando que as mulheres Warao, em particular, podem experimentar formas de marginalização ainda mais acentuadas.

4.1 Língua

A linguagem que falamos carrega não apenas a comunicação, mas também elementos profundos de nossa cultura, moldando e refletindo a identidade de um grupo social. Ela é uma prática social que articula símbolos e significados culturais, sendo fundamental para a formação de uma identidade coletiva. Como afirma Bourdieu, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas um elemento de distinção social. O uso dominante da linguagem reflete a posição de classe, sendo que como uma classe social fala está intimamente ligada ao habitus, ou seja, à incorporação das disposições sociais e culturais de sua posição no campo social (Bourdieu, 1996). A relação entre a linguagem e o corpo, nesse sentido, é central, pois a “hexis corporal” reflete a maneira como o indivíduo de uma determinada classe ocupa o espaço social. O modo de falar, o sotaque e até mesmo a postura estão relacionados ao “esquema corporal”, que traduz as disposições sociais incorporadas (Bourdieu, 1996, p. 23).

Por outro lado, David Le Breton (2007), em sua sociologia do corpo, explora como o corpo é um ponto de interseção entre o biológico e o social. Ele não é apenas uma realidade física, mas uma construção simbólica, cujas significações variam conforme o contexto cultural. Segundo Le Breton (2007), o corpo é “o lugar e o tempo indistinguível da identidade”, e sua relação com a linguagem é fundamental, pois toda prática social envolve o corpo como meio de expressão. Através da linguagem corporal, o indivíduo comunica significados, desempenha papéis sociais e estabelece seu lugar no grupo. Esse processo não se limita à infância; a relação do indivíduo com seu corpo e com a linguagem continua a ser moldada ao longo da vida, à medida que o contexto social e cultural se modifica (Le Breton, 2007).

Segundo Pierre Bourdieu, a língua também atua como um “capital linguístico” que garante poder simbólico numa estrutura social. Ele afirma que “o discurso deve sempre suas características mais importantes às relações de produção linguísticas nas quais ele é produzido” (Bourdieu, 1996, p. 4). Essa perspectiva revela que a competência linguística não é uma habilidade isolada, mas está inserida em uma rede de relações sociais e de poder. A maneira como falamos, o sotaque, a escolha de palavras e o registro linguístico, tudo está condicionado por nossa posição social e nossa capacidade de usar a língua legitimamente reconhecida pela sociedade. A língua dominante se torna assim um instrumento de dominação, refletindo e reforçando as hierarquias sociais existentes. Essa “competência ampliada” da linguagem é indissociável de sua função prática e de seu poder de gerar distinção social.

Bourdieu (1996) também explora como o corpo é central nessa dinâmica. O autor destaca que “a linguagem é uma técnica do corpo” e que “a competência linguística, especialmente a fonologia, é uma dimensão da héxis corporal onde se exprime toda relação com o mundo social” (p. 23). Aqui, a língua deixa de ser apenas um conjunto de regras gramaticais e semânticas, sendo compreendida como uma prática corporal e social, onde o corpo se ajusta às expectativas e normas impostas pelo ambiente. Essa abordagem ressalta a interseção entre corpo e língua, onde a fala reflete não só uma habilidade intelectual, mas também uma postura física e cultural incorporada ao longo da vida.

A linguagem, portanto, não pode ser separada do corpo, ao ser através do corpo que o sujeito a manifesta. Em Bourdieu, o uso da linguagem envolve a postura e o sotaque, os quais são fruto da incorporação do habitus social. Já para Le Breton, o corpo é o meio pelo qual os significados são transmitidos na interação social, sendo o ponto de encontro entre o indivíduo e o mundo ao seu redor. Assim, a linguagem se torna um fator identitário, reforçando as diferenças sociais e culturais que definem o lugar do indivíduo no campo social, ao mesmo tempo que se expressa por meio de um corpo inserido em uma trama de significados culturais.

As dificuldades linguísticas enfrentadas pelos imigrantes venezuelanos em Sergipe são um fator central para compreender os desafios de sua adaptação e inserção social. A teoria de David Le Breton (2007) sobre o corpo e a perspectiva de Pierre Bourdieu (1996) acerca das trocas linguísticas fornece uma base teórica robusta para entender como a língua se torna um instrumento de poder e de exclusão social. Ambos os autores tratam de como o corpo e a linguagem se conectam ao poder e às relações de dominação, afetando diretamente a experiência dos migrantes.

Le Breton (2007) propõe que o corpo seja um elemento central na experiência social, funcionando como uma “interface entre o social e o individual”. No caso dos imigrantes venezuelanos, o corpo é marcado pela diferença linguística e cultural, reforçando barreiras de interação e adaptação. O corpo do migrante, ao ser percebido como “estrangeiro”, acaba sendo lido via estereótipos e preconceitos relacionados à sua origem. A linguagem, nesse contexto, torna-se um símbolo de pertencimento ou exclusão. Le Breton afirma que

O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural (Le Breton, 2007, p. 26).

Dessa forma, o corpo é um veículo de significação, repleto de simbolismos, que está imerso em um sistema de valores culturais. Esse simbolismo do corpo é ampliado quando a linguagem se torna uma extensão do corpo, marcando aqueles que não dominam o idioma local como “outros”, afastados do tecido social.

Pierre Bourdieu (1996), expande a análise ao abordar a linguagem como um sistema de poder. Para ele, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas uma forma de capital simbólico, cujo domínio define a posição dos indivíduos em um campo social. Segundo Bourdieu, “A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos somente ser compreendidos mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos.” (Bourdieu, 1996, p. 4-5). Essa ideia é fundamental para compreender como os imigrantes venezuelanos que não dominam o português encontram-se em uma posição de desvantagem, pois o mercado linguístico brasileiro legitima aqueles que dominam a língua portuguesa, excluindo os que não têm essa competência. A língua, nesse sentido, atua como uma barreira simbólica que afeta a inserção no campo social e econômico.

Na pesquisa realizada em Sergipe, foi observado que uma das principais dificuldades enfrentadas pelos venezuelanos, é a adaptação à língua portuguesa. As mulheres Warao mencionaram o fato de estudarem no programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA), onde mencionaram a dificuldade para compreender o que está sendo dito tanto pelos professores quanto pelos colegas. “Todo bien los profesores y los estudiantes pensan que estamos hablando en japonês o chino” (Mulher venezuelana Warao, 2024)

A barreira linguística é bem presente na vida dos migrantes. Luz (2019) salienta que, a barreira linguística desfavorece o migrante na busca por emprego formal. Mencionando o trabalho de campo realizado em Boa Vista (RR) com migrantes venezuelanas, Luz aponta:

As entrevistadas indicaram que o português é mais complicado que o espanhol, o que as faz recorrer a expressões em sua língua materna para se comunicarem. Notamos que María acredita ainda não “saber” português. Ela afirma “yo no sé português”. Entretanto, pudemos constatar que ela utiliza os dois idiomas. Enquanto gravávamos a entrevista ela precisou dirigir-se a quatro pessoas diferentes: a um brasileiro que fazia entregas no estabelecimento em que trabalha; a outro brasileiro para dar instruções de armazenamento do material; a seu sobrinho para dar uma ordem referente a casa e a um imigrante cubano que lhe pediu orientações para colocar recarga no celular. Observamos que María falou em português com os brasileiros e em espanhol com os estrangeiros. (Luz, 2019, p.193).

Essa dificuldade não apenas limita a comunicação cotidiana, mas também restringe o acesso a serviços, oportunidades de trabalho e redes sociais. De acordo com Bourdieu (1996),

a língua legítima é aquela que detém o monopólio da produção e da reprodução das competências legítimas, regulando o acesso ao poder (p. 11). Esse conceito é aplicável à situação dos migrantes venezuelanos, que, ao não dominarem o português, ficam à margem dos processos de integração, impedidos de participar plenamente das trocas sociais e econômicas.

Além disso, Bourdieu destaca que a competência linguística envolve não apenas a habilidade de falar a língua corretamente, mas também de saber como e quando a usar em diferentes contextos sociais. A inserção dos imigrantes em um novo campo é dificultada não apenas pela falta de fluência, mas também pelo desconhecimento das normas sociais que regem o uso da língua em situações formais e informais. Como aponta Bourdieu (1996), o discurso eficaz é aquele que obedece às leis implícitas do mercado linguístico, onde a autoridade e a legitimidade do locutor são reconhecidas (p. 9). Assim, a falta de domínio das normas culturais e linguísticas locais coloca os imigrantes em uma posição subordinada, onde suas falas são frequentemente desvalorizadas ou ignoradas.

A língua, portanto, funciona como um capital que os imigrantes venezuelanos, ao chegarem a Sergipe, ainda não possuem. Como Bourdieu afirma, o valor da competência linguística depende das relações de poder que estruturam o mercado linguístico” (Bourdieu, 1996, p.13-14). No Brasil, o português é a língua legitimada e imposta como norma, e os que não a dominam são automaticamente excluídos dos espaços onde essa norma é reproduzida, como o mercado de trabalho e as instituições públicas. Esse processo de exclusão reforça a vulnerabilidade dos migrantes, que, além de enfrentarem preconceitos relacionados à sua origem, têm que lidar com a desvantagem de não dominar a língua que lhes permitiria competir em igualdade de condições com os falantes nativos.

Dessa forma, as dificuldades linguísticas dos venezuelanos em Sergipe devem ser vistas não apenas como um problema técnico de aprendizagem de uma nova língua, mas como uma questão de exclusão simbólica e social. A teoria de Le Breton (2007) sobre o corpo e a de Bourdieu (1996) sobre a economia das trocas linguísticas ajudam a compreender como o corpo migrante e a língua se tornam instrumentos de poder, reforçando as barreiras que dificultam a adaptação e a inserção dos imigrantes nos campos sociais e econômicos locais.

4.2 Alimentação

A relação entre o conceito de habitus de Pierre Bourdieu e a alimentação é intrinsecamente conectada às práticas culturais, sociais e simbólicas que moldam o comportamento alimentar. O habitus é definido por Bourdieu como um conjunto de disposições

duráveis, adquiridas ao longo da vida, que orientam as percepções, ações e reações dos indivíduos em suas interações sociais. Essas disposições são profundamente influenciadas pelo ambiente social e cultural no qual o indivíduo está inserido, sendo incorporadas inconscientemente e manifestadas por meio de práticas cotidianas, como a alimentação (Bourdieu, 2009).

No campo da alimentação, o *habitus* se manifesta nas escolhas alimentares e nos modos de comer, refletindo as condições de classe, a educação, e o capital cultural acumulado. Assim, o que, como e onde comemos está diretamente relacionado à socialização e às práticas aprendidas em nosso contexto familiar, social e cultural. De acordo com Klotz-Silva, Prado e Seixas (2017), no campo alimentar-nutricional, o hábito alimentar é predominantemente associado ao que se come com regularidade, sem problematizar questões culturais, sociais ou psíquicas mais profundas (p. 1072). Nesse sentido, a alimentação vai além da ingestão de nutrientes, ao ser uma prática carregada de simbolismos e valores sociais que reforçam as disposições e distinções estabelecidas na sociedade.

O corpo, por sua vez, é entendido como uma construção social e cultural, podendo ser moldado pelas práticas alimentares e pelas normas sociais que influenciam o que é considerado saudável ou desejável. Bourdieu (2009) argumenta que o *habitus* alimenta as distinções sociais, uma vez que diferentes classes sociais adotam práticas alimentares distintas como forma de marcar seu status e sua posição na estrutura social. As escolhas alimentares das classes mais abastadas, por exemplo, podem incluir alimentos considerados refinados ou saudáveis, enquanto as classes populares, devido a restrições econômicas, muitas vezes têm um acesso limitado a esses alimentos. Assim, o *habitus* contribui para a reprodução das desigualdades sociais, uma vez que a alimentação se torna um marcador de distinção entre os grupos sociais (Bourdieu, 2009).

Além disso, a alimentação não tem apenas uma dimensão física, mas também simbólica e afetiva. Segundo Bourdieu (2011), às práticas alimentares estão ligadas a sistemas de distinção simbólica, nos quais o consumo de determinados alimentos ou o uso de certas técnicas culinárias serve como um meio de demarcar a posição social. Essas práticas também estão associadas a emoções e afetos, como o prazer ou a culpa, os quais são moldados socialmente e influenciam a relação dos indivíduos com a comida. O ato de comer, portanto, está imerso em um contexto cultural que atribui significados e valores ao alimento, associando-o não apenas à nutrição, mas também à identidade, ao pertencimento e às emoções (Bourdieu, 2011).

Essa relação entre o *habitus* e a alimentação é especialmente relevante ao considerar o papel das emoções e dos significados culturais na formação dos hábitos alimentares. Como

observa Morin (2011), a alimentação contemporânea não pode ser reduzida a um processo mecânico de ingestão de nutrientes, mas deve ser compreendida em sua complexidade, envolvendo aspectos culturais, afetivos e sociais. O ato de comer está impregnado de significados culturais, sendo uma forma de expressar a identidade e as relações sociais. Assim, a alimentação é tanto uma prática corporal quanto simbólica, que reflete e reforça as disposições adquiridas ao longo da vida (Morin, 2011).

A alimentação, então, é um meio pelo qual os indivíduos expressam suas disposições internas e sua posição na sociedade. O *habitus* alimenta essa expressão, permitindo que os indivíduos, muitas vezes inconscientemente, reproduzam as práticas alimentares que correspondem às suas condições de vida e identidade. Dessa forma, as práticas alimentares não são neutras, mas refletem a estrutura social no qual os indivíduos estão inseridos, bem como as distinções e desigualdades que caracterizam essa estrutura (Klotz-silva; Prado; Seixas, 2017).

A relação entre o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu e os dados da pesquisa, que apontam para a dificuldade de adaptação dos imigrantes venezuelanos à culinária brasileira, oferece um importante caminho de análise para compreender como as práticas alimentares são influenciadas pelas disposições sociais e culturais dos indivíduos. Os imigrantes, tanto do gênero masculino quanto feminino, enfrentam desafios não apenas de ordem prática, como o acesso a ingredientes e recursos, mas também simbólicos e afetivos, relacionados à ruptura com os hábitos alimentares de suas culturas de origem. Esse fenômeno é observado tanto entre os venezuelanos do grupo étnico Warao quanto entre aqueles que não pertencem a esse grupo, evidenciando que as barreiras transcendem a simples questão de gosto pessoal ou paladar.

De acordo com Bourdieu (2009), o *habitus* alimenta a manutenção de práticas culturais enraizadas e dificulta a adaptação a novos hábitos. No caso dos imigrantes venezuelanos em Aracaju, essa dificuldade reflete a importância das práticas alimentares na construção da identidade cultural e do pertencimento. Os hábitos alimentares adquiridos em seu país de origem fazem parte de um sistema simbólico que não é facilmente substituído por novos padrões alimentares, como os encontrados no Brasil. A alimentação, assim como o corpo, é um espaço de resistência e preservação cultural, particularmente em contextos de migração, onde os indivíduos buscam manter conexões com sua terra natal por práticas cotidianas como a culinária.

Os dados da pesquisa revelam que tanto homens quanto mulheres, independentemente de sua afiliação étnica, enfrentam dificuldades semelhantes nesse processo de adaptação. Um exemplo significativo foi mencionado durante a pesquisa qualitativa, onde os imigrantes relataram que tentam adaptar ingredientes locais do Brasil para recriar seus pratos típicos

venezuelanos. No entanto, mesmo com essa adaptação, encontram desafios em relação ao sabor. Um caso emblemático é o do feijão, um alimento comum tanto no Brasil quanto na Venezuela. Apesar de sua presença nos dois países, os imigrantes relataram que o sabor do feijão brasileiro é significativamente diferente do que estão acostumados em sua terra natal, reforçando as barreiras culturais e afetivas que enfrentam ao tentar se adaptar à nova realidade alimentar.

Essa tentativa de adaptação reflete o esforço dos imigrantes para equilibrar a necessidade de integrar-se ao novo ambiente sem renunciar a suas práticas culturais alimentares. A análise de Bourdieu ajuda a entender que essas dificuldades não são apenas práticas, mas também profundamente culturais. O grupo étnico Warao, por exemplo, possui uma relação específica com a alimentação, ligada a práticas tradicionais e à forma como o grupo se organiza socialmente. O mesmo se aplica aos venezuelanos não-Warao, que trazem consigo suas próprias disposições alimentares, baseadas nas particularidades da culinária venezuelana. Esses hábitos alimentares, formados ao longo de suas vidas, são parte do habitus, que organiza suas práticas cotidianas de forma durável e não é facilmente modificado (Bourdieu, 2009).

Além disso, a migração impõe uma série de rupturas, sendo a alimentação uma das áreas mais afetadas. A dificuldade de adaptação à culinária brasileira reflete a complexa relação entre corpo e cultura, onde o corpo não apenas consome alimentos, mas também os vivencia de forma simbólica. Como Klotz-Silva, Prado e Seixas (2017) dizem, as práticas alimentares vão além da ingestão de nutrientes. Para os imigrantes venezuelanos, a alimentação pode representar um elo com sua identidade cultural. Isso ocorre tanto para os Warao, cuja alimentação está profundamente ligada a tradições, quanto para os não-Warao, que mantêm os pratos típicos de sua cultura como forma de preservar suas raízes.

O processo de adaptação à culinária brasileira, portanto, não se trata apenas de aprender a preparar novos alimentos ou de adquirir um novo gosto. Ele envolve uma reconfiguração do habitus, que não ocorre de forma rápida ou automática. A resistência à mudança alimentar reflete a luta dos imigrantes para manter sua identidade e para resistir às pressões de adaptação cultural. A alimentação, nesse contexto, assume um papel de resistência simbólica, na medida em que os indivíduos buscam reproduzir suas práticas alimentares e, com isso, reafirmar sua identidade cultural em um novo ambiente

4.3 Saudade, Solidão e Saúde

Os dados da pesquisa revelam que temas como saudades, solidão e saúde estão intrinsecamente ligados à experiência corporal dos migrantes venezuelanos em Aracaju. Quanto

à saúde, observou-se que as mulheres migrantes apresentam maior necessidade de cuidados de saúde, o que pode estar relacionado aos papéis de gênero que tradicionalmente as tornam responsáveis pelo cuidado da família e por sua própria saúde (Bertoldo e Ricardo, 2018). Além disso, o grupo étnico Warao foi identificado como aquele que sente uma necessidade mais acentuada de cuidados, reforçando a ideia de que a vulnerabilidade corporal no contexto migratório varia conforme as particularidades culturais e sociais de cada grupo.

Questionadas sobre como se sentiam emocionalmente, se felizes, tristes, ansiosas, preocupadas, entre outros, a resposta que algumas das entrevistadas nos deu foi que no momento estão felizes. No entanto, também apontaram alguns problemas que poderiam sugerir o contrário, como, por exemplo, um recente acidente vivido por uma das mulheres, além de sentimentos de angústia manifestados por uma participante grávida, devido à dificuldade de acesso ao sistema de saúde. Esta última destacou a burocracia e a limitação de acesso às Unidades Básicas de Saúde (UBS) onde é possível realizar consultas e exames, o que tem impactado seu bem-estar.

Todo cuerpo necesita ser cuidado para que te sientas mejor contigo mismo, porque si no cuidas tu cuerpo, es como si no cuidaras tu salud. (...) Por ejemplo, tuve un accidente recientemente; por fuera parece que estoy mejor, pero la situación fue más grave. (...) El sistema de emergencias es muy confuso, no entienden bien qué hacer. Incluso cuando buscamos ayuda, ese es el principal problema (...) No hay consultas disponibles, y tienes que esperar dos meses o más para ver si abren las citas.

(Mulher venezuelana Warao, 2024)

No contexto migratório, o corpo é um espaço de corporificação das relações sociais e das experiências vividas pelos migrantes (Ennes, 2020). As mulheres migrantes, especialmente, relatam sentir solidão, refletindo uma possível ausência de redes sociais e

familiares que antes faziam parte de suas vidas. Esse sentimento de solidão é sentido no corpo como uma manifestação de isolamento social e emocional, afetando diretamente seu bem-estar físico e mental.

Além disso, tanto homens quanto mulheres mencionaram sentir saudades de suas casas, familiares e amigos que ficaram na Venezuela, demonstrando que essa saudade se expressa no corpo como uma forma de conexão afetiva com o lar deixado para trás. A saudade, nesse caso, representa uma ligação entre o corpo presente em Aracaju e a memória afetiva do ambiente que foi perdido, afetando o corpo de maneira emocional e física.

Vestuário

Quando pensamos e falamos sobre processos migratórios, é importante que pensemos nas dinâmicas culturais, étnicas, históricas, sociais, econômicas, dentre outras dinâmicas que moldam esses processos. Para além da sua dimensão quantitativa, a migração também atua na produção de diversidade cultural que vem sendo associada à condição do migrante enquanto um ser à parte, dentro de um espectro do estranho, do “outro” (Ennes, 2022, p.161). Essa condição está intimamente relacionada a um conjunto de aspectos culturais que vão desde idioma, religião, passando pela gastronomia e vestuários, dentre outros aspectos relacionados ao corpo e a aparência.

Se baseando em Bourdieu (2007) Ennes (2022, p.51), aponta o corpo como alvo de “injunções sociais” (Bourdieu, 2007, p.172), que inserem as diferenças sejam elas de gênero ou etnia:

As injunções sociais mais sérias se dirigem ao corpo e não ao intelecto, o primeiro tratado como um ‘rascunho’. O essencial da aprendizagem da masculinidade e da feminilidade tende a inscrever a diferença entre sexo nos corpos (sobretudo por meio do vestuário), sob a forma de maneiras de andar, de falar, de se comportar, de dirigir o olhar, de sentar-se etc. (Bourdieu, 2007, p. 172).

Ao analisar os fluxos migratórios, é de suma importância apontar para o caráter identitário que assinala esse contexto. Ennes (2022) assinala que a dinâmica identitária no contexto migratório passa por reconstruções que não implicam nem a ruptura integral com a cultura de origem, tampouco significa uma adesão total à cultura de origem. Tal regime de pertencimento do migrante “se materializa na dinâmica entre a fragmentação e a fidelidade identitária” (Ennes, 2022, p.168), na “mudança e produção de expressões híbridas de gastronomia, vestuário, músicas, estética corporal, valores culturais e religiosos (Ennes, 2022, p.168).

Refletindo sobre uma mudança na lógica dos fluxos migratórios ao longo dos séculos, Ennes (2022, p.134) aponta que se na passagem do século XIX para o XX o migrante era a materialização da diferença étnico-racial, na atualidade essa diferença se dá em forma de diferença cultural, que ocorre através dos traços étnicos, do idioma/sotaque, da religião, da gastronomia e do vestuário, visto que são marcadores culturais facilmente identificáveis, que possuem grande potencial para produzir estranhamento. Pensando nestas colocações, voltarei a atenção para o papel que o vestuário desempenha na trajetória dos migrantes.

Analisando como ocorrem as modificações corporais em migrantes na Espanha e em Portugal, Ennes (2022) aponta dentre alguns casos, o caso de uma brasileira que já reside em Portugal por um tempo consideravelmente longo que mencionou algumas das mudanças pelas

quais passou numa tentativa de se adaptar aos moldes do país, como por exemplo, mudança no corte de cabelo e nas vestimentas:

Começou por usar menos roupas decotadas, isto é, adotou uma postura para evitar características definidas em Portugal como típicas de brasileiras. Por outro lado, passou a usar um tipo de cabelo que não se sentia à vontade em usar no lugar de origem. Sobre isso, lembrou que tem visto muitos imigrantes que, por estarem fora do seu país ou de sua cidade de origem, fazem modificações, como usar penteados diferentes e fazer tatuagens.(Ennes, 2022, p.176).

A questão da vestimenta aparece como um ponto curioso suscitado durante a realização das entrevistas de profundidade. Ao serem questionadas sobre os modos e as vestimentas na Venezuela, uma das mulheres entrevistadas mencionou que “diferente do que se pensa comumente no Brasil, na Venezuela é comum que os povos indígenas andem vestidos”. Uma das mulheres entrevistadas afirma que quando o indígena é transmitido na TV, no Brasil, costuma aparecer desnudo, o que pode gerar essa impressão estereotipada: “Aqui, ya yo vi, cuando Lula ganó la presidencia vinculó la noticia que passaba el indio brasileiro de Amazonas que no tenía ropa, tan desnudo...” (Mulher venezuelana Warao 5, 2024).

A questão da identidade cultural também emergiu de forma visual e performática durante o I Encontro de Imigrantes e Refugiados da UFS, onde seis mulheres Warao participaram de uma apresentação de dança, usando trajes típicos que reafirmam seus traços culturais. Embora essa manifestação não tenha sido totalmente captada nas entrevistas de profundidade, o evento foi uma oportunidade de testemunhar como a cultura Warao é preservada e expressa mesmo no contexto migratório. As vestimentas, nesse sentido, atuam como um marcador identitário potente, revelando o que Ennes (2022) aponta e que foi mencionado anteriormente a respeito de como os migrantes nem rompem totalmente com sua cultura de origem, nem aderem totalmente à cultura local.

Neste caso, podemos analisar como a identidade se constitui como fundamental na formação cultural. Ao se autodenominarem sejam como Warao ou apenas como venezuelano, os entrevistados demonstram a qual grupo étnico melhor se encaixam, visto que, como postulado por Barth (1997), os grupos étnicos funcionam como forma de organização social, forjados na auto-atribuição ou na atribuição por outros indivíduos a uma categoria étnica em termos de suas identidades baseadas presumivelmente em sua origem e por seu meio ambiente.

5 CONCLUSÃO

Este estudo propôs uma análise da presença de imigrantes venezuelanos em Sergipe, utilizando o gênero e a etnia como características interseccionais de análise para compreender como esses marcadores se materializam nos corpos dos migrantes, através da proposição de dois objetivos, sendo eles: conhecer as trajetórias dos migrantes venezuelanos em Sergipe e compreender como essas trajetórias são incorporadas em seus corpos.

Através de uma pesquisa quali-quantitativa marcada por aplicações de questionários e realização de entrevistas de profundidade por meio de grupo focal, foi possível constatar que desde a saída do país de origem até a chegada ao país de destino, o corpo dos migrantes se tornam expressões vivas das desigualdades e dos desafios que são enfrentados nesse processo. Isso pode ser percebido ao analisar os dados sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos imigrantes venezuelanos, sejam homens ou mulheres, indígenas ou não indígenas.

Quando questionados sobre os motivos que levaram a migrar, as necessidades econômicas e profissionais aparecem com 100%, significando que ambas as necessidades são recorrentes tanto entre pessoas do sexo masculino quanto entre as pessoas do sexo feminino, bem como entre membros da etnia indígena Warao. Sobre as principais necessidades, percebeu-se que entre os respondentes do sexo feminino a ocupação profissional apareceu em grau superior ao sexo masculino, com 80% das respostas, bem como moradia, necessidade de cuidado de saúde, alimentação e capacitação também apareceram em ampla maioria entre os respondentes do sexo feminino. Entre os respondentes Warao as principais necessidades mencionadas foram ocupação profissional, moradia, saúde e alimentação.

O dado sobre violência também chamaram bastante atenção. Entre os Warao, de 5 respondentes, 3 apontaram terem sido vítimas de violência. Já entre os não Warao, a ampla maioria relatou não ter sido vítima. De acordo com o último relatório da OBMigra, as populações negras e as indígenas são as que mais vivenciam situações de vulnerabilidade

social, principalmente imigrantes oriundos de países da América Latina, como Bolívia, Haiti, Paraguai e Venezuela (Cavalcanti, Oliveira e Silva, 2023, p.162).

Através dos dados, obtidos tanto durante a aplicação dos questionários quanto durante as entrevistas de profundidade, ficou evidente como as trajetórias dos migrantes estão intimamente marcadas em seus corpos. Questões sobre alimentação, dificuldade de adaptação a uma nova língua e à culinária, sentimentos de saudade e solidão aparecem para assinalar o corpo como categoria irremediável no processo migratório, devido a impossibilidade de se migrar sem ele. É ele quem carrega a história do migrante (Ennes, 2021, p.51). Deste modo, o corpo como receptáculo de sentidos sensoriais assinala a experiência do migrante pela integração de novas informações” (Le Breton, 2007, p.56).

Através do exposto, podemos entender que o corpo funciona então, de modo a delimitar uma fronteira em relação aos outros, assegurando a soberania da pessoa (Le Breton, 2007, p30), sendo ele um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos (Woodward, 2014, p.15).

REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik, Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: **Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo-SP. Fundação Editora da UNESP, 1997
- BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero, na experiência transexual/Berenice Bento. Rio de Janeiro: **Garamond**, 2017
- BERTOLDO, J, & Ricardo, K. H. Diálogos entre gênero e migrações: mulheres imigrantes no Brasil / Dialogue between gender and migration: immigrant women in Brazil. **Aptura Crítica: Direito, Política, Atualidade**, 6(1),p. 83–106. 2018
- BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. **Porto Alegre: Zouk**, 2011.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalinas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007
- BOURDIEU, P. O senso prático. Rio de Janeiro: **Vozes**, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BRITO, Angela Xavier de. Habitus de migrante: Um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 25 Número 3 Setembro/Dezembro 2010
- CAVALCANTE, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, SL **Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: pesquisa, dados e contribuições para políticas**. Brasília: OBMigra, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo : Boitempo, 2020.
- ENNES, Marcelo Alario. Bourdieu e o 'corpo-migrante': corporificação no contexto migratório. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 8, n. 19, p. 26-58, 2020.
- ENNES, Marcelo Alario. **Imigração, processos identitários e corpo**. Criação Editora, 2022
- KLOTZ-SILVA, J.; PRADO, S. D.; SEIXAS, C. M. A força do hábito alimentar: referências conceituais para o campo da Alimentação e Nutrição. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1065-1085, 2017.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LUZ, Débora Silva Brito da. Vozes femininas plurilíngues atravessando a fronteira Venezuela-Brasil. **Revista Caleidoscópio**, 2019.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: **Sulina**, 2011.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista de Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 8–41, 2000

SCOTT, J. W. Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica. **Educação & Realidade**, p. 1–35, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: Silva, T. S. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.